

EDIFÍCIOS HISTÓRICOS DO RIO DE JANEIRO SÃO O TEMA CENTRAL DO NOVO LIVRO DO PROFESSOR FERNANDO ATIQUÉ

A história de dois importantes edifícios cariocas, o palácio Monroe e o solar Monjope



O autor, durante o lançamento do livro, na livraria Martins Fontes, na região da avenida Paulista, em São Paulo. Crédito das fotos: arquivo pessoal/Fernando Atique

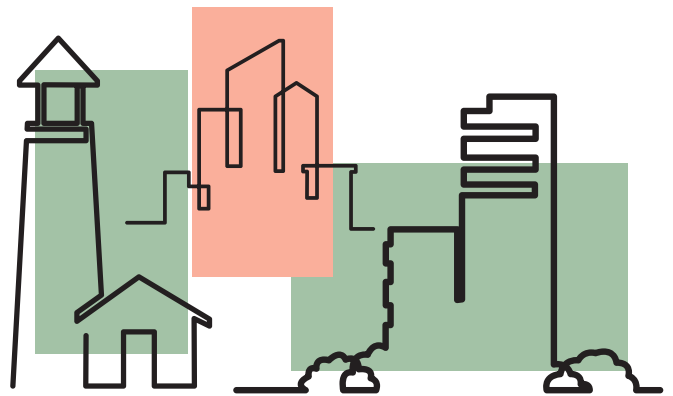
Fruto de pesquisas e reflexões de mais de uma década, *Arquitetura Evanescente O desaparecimento de edifícios cariocas em perspectiva histórica* é o novo livro do professor Fernando Atique, do Depto. de História da EFLCH que reúne as trajetórias - até o desaparecimento - de dois importantes prédios do Rio de Janeiro, o palácio Monroe e o Solar Monjope. Entusiasmado com a obra, Atique que está completando dez anos de docência no campus Guarulhos, nos conta com um pouco mais de detalhes como esse livro está conectado com sua trajetória que se inicia na cidade de São Carlos, quando de seus estudos universitários. Leia mais:

1. CONTE-NOS UM POUCO DE SUA TRAJETÓRIA COMO DOCENTE E PESQUISADOR.

F. A. - Eu sou formado em arquitetura e urbanismo pela USP São Carlos, no atual Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Lá, logo nos primeiros anos da graduação, tive a oportunidade de começar a desenvolver atividades de pesquisa em história. A primeira delas, ao abrigo de uma bolsa da FIPAI - Fundação Uspiana para o Incremento à Pesquisa e ao Aperfeiçoamento Industrial - me permitiu estudar como as propostas para habitação de interesse social foram sendo formuladas na cidade de São Paulo. Meu orientador naquela ocasião foi o professor Marcelo Tramontano. Terminada esta pesquisa, eu desenvolvi uma Iniciação Científica Fapesp sobre a temática da habitação social, mas atrelada à dimensão do projeto de arquitetura. Continuava sob orientação do prof. Tramontano e também, naquela bolsa em específico, da professora Akemi Ino. Quando estava indo para a parte final do curso, resolvi dedicar-me com maior ênfase na pesquisa histórica e fui estudar, sob abrigo de outra bolsa Fapesp de iniciação científica, a trajetória de um dos primeiros prédios de apartamentos modernos de São Paulo, o edifício Esther, localizado na praça da República. Esta bolsa foi orientada pela profa. Telma de Barros Correia, minha professora de história da arquitetura e do urbanismo, e que tinha uma sólida formação em História na Unicamp, e havia sido fun-

cionária do Serviço de Patrimônio do Recife, em Pernambuco. Telma me conduziu com grande brilhantismo na pesquisa, que rendeu meu TCC, meu mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, um livro e um prêmio de melhor Ensaio Crítico na premiação anual do Instituto de Arquitetos do Brasil em 2004. Entre 2003 e 2007 desenvolvi meu doutorado na FAU-USP, com período de pesquisa na Universidade da Pensilvânia, nos EUA.

Minha tese, em História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo versou sobre as relações pan-americanas da arquitetura, enfocando como Brasil e Estados Unidos se relacionaram com seus vizinhos americanos antes da II Guerra Mundial. Iniciei esta pesquisa sob orientação do falecido professor Philip Gunn, e depois de sua morte abrupta, segui sob orientação do falecido professor Philip Gunn, e depois de sua morte abrupta, segui sob o comando da professora Maria Lúcia Gitahy. A professora Malu Gitahy, como a chamamos, historiadora e socióloga de formação, se tornou grande referência para as pesquisas que passei a desenvolver e com ela produzi algumas obras. Minha tese foi publicada em 2010, e por ela recebi a menção honrosa no Prêmio Luís Saia de Ensaio Crítico do Instituto de Arquitetos do Brasil, seção São Paulo. Em 2010, já lecionando na EFLCH/Unifesp, passei a desenvolver pesquisas derivadas da minha tese, as quais me levaram aos objetos de estudo que já tratava na minha tese: os edifícios palácio Monroe e Solar de Monjope. Mas comecei a me interessar sobre as demolições da arquitetura.



2. COMO FOI SUA CHEGADA AO CAMPUS GUARULHOS?

F.A. - Senti-me muito lisonjeado por ter sido aprovado no concurso do departamento de história da Unifesp, que depois se tornou parte da EFLCH. Eu não sou historiador de formação, sou um arquiteto que, como vários no Brasil, foi sendo formado em história das cidades e de seus edifícios por meio da pesquisa e de disciplinas densas sobre história, estética, fundamentos sociais e teoria da história. Tive muita sorte em ter excelentes orientadores com sólida formação em história. Mas o início não foi simples. Há sempre uma questão de alteridade, mas creio que hoje, dez anos depois, estou inserido no departamento e no campus. Meu concurso foi para ministrar História, Espaço e Patrimônio Edificado e eu me reconheço muito nesta área.

3. QUAL FOI O PROCESSO DE CRIAÇÃO, REALIZAÇÃO E PUBLICAÇÃO DO LIVRO?

F.A. - O livro que acabei de lançar, *Arquitetura Evanescente: o desaparecimento de edifícios cariocas em perspectiva histórica* (Edusp, Fapesp, 2019), foi escrito como produto da minha inserção no PPGH (Programa de Pós-Graduação em História), foi finalizado como produto de um auxílio regular à pesquisa Fapesp, e foi acolhido pela Edusp (Editora da Universidade de São Paulo), que o produziu com maestria. A obra analisa porque duas edificações que foram fundamentais para a vida urbana carioca tiveram seus pedidos de tombamento negados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e foram demolidos, apesar de estarem no epicentro de uma campanha pró-preservação proveniente da sociedade civil. Era notável a demanda de que os imóveis permanecessem em pé, algo que era muito corajoso em plena década de 1970, já que vivíamos uma ditadura civil-militar. Para dar vazão ao livro, pesquisei os processos de tombamento arquivados pelo IPHAN, conversei com antigos atores dos episódios, fotógrafos, parentes do antigo proprietário do Solar de Monjope e levantei duas séries documentais: fotografias sobre a construção, representação e demolição dos prédios, e as entradas em blogs, sites e demais postagens da web, de maneira a entender o circuito social dessas obras. Passados mais de 40 anos de suas demolições, ambos continuam sendo evocados pela população do Rio, em um curioso caso de quase fantasmagoria arquitetônica. O título do livro é uma provocação sobre o desaparecimento dos prédios.



4. QUAIS TRECHOS MAIS SIGNIFICATIVOS DO LIVRO QUE VOCÊ DESTACA?

F.A. - Creio que nesta fase de incêndios, desmontes e perdas abruptas das nossas cidades e seus prédios, o livro ajuda a compreender como se estruturam entre edifícios e seus ocupantes laços afetivos que não são fáceis de serem escrutinados, mas estão no campo das relações afetivas e subjetivas. O prefácio do professor de Harvard, Bruno Carvalho, e a orelha da profa. Flavia Brito apontam isso. Espero que o público carioca goste da obra.

5. HÁ ALGO ESPECIAL PARA OS ESTUDANTES DE HISTÓRIA NO LIVRO?

F.A. - Creio que este livro é um ensaio que pode repercutir nos estudos sobre a dimensão simbólica da arquitetura, que extrapolam a prancheta do arquiteto e mostram como a abordagem bourdesiana do espaço construído pode nos ajudar a compreender alguns possíveis caminhos para políticas preservacionistas. Aos estudantes de história creio que pode vir a ser uma contribuição de como acessar o ainda hermético campo da arquitetura.

6. HAVERÁ OUTROS EVENTOS PARA APRESENTAR O NOVO LIVRO, EM PARTICULAR NO CAMPUS GUARULHOS?

F.A. - Nada ainda programado. Mas aceito sugestões. Creio que aproveitando a efeméride de 10 anos da formação em memória e patrimônio ofertada pelo Departamento de História, um debate cairia bem.



Detalhe do autor, em sessão de autógrafos, à ocasião de lançamento de seu livro.